

A Síndrome de Estocolmo

A Síndrome de Estocolmo deriva o seu nome a partir de 1973 de um incidente na capital sueca. Após uma tentativa de assalto a banco frustrado pela rápida chegada da polícia, o criminoso homiziou-se no cofre do banco com certo número de funcionários e clientes como reféns. Durante os seis dias de negociações, o que resultou na rendição do ladrão de banco, um número surpreendente de acontecimentos ocorreu.



Os criminosos e os reféns estabeleceram uma relação de cooperação, que complicaram todas as ações da polícia. Reféns proveram seus captores com sugestões e atos para protegê-lo, enquanto ele ainda estava dormindo. Quando a sua rendição teve lugar, os reféns formaram uma parede humana em torno dele por medo que a polícia fosse atirar. Um dos reféns (uma professora) abraçou e beijou-o antes que ele fosse levado pela polícia. Ela casou com ele, enquanto ele ainda estava na prisão.

Perplexos, psicólogos estudaram este caso, em grande detalhe e determinaram que um tipo de transferência, ou colagem, realizou-se entre o tomador de reféns e os reféns. Posteriormente outros casos tem demonstrado que a transferência deste tipo pode ser incentivada pelos negociadores e pode contribuir para uma resolução pacífica e bem sucedida das situações de reféns e barricada.

Este importante fenômeno pode ser um dos dois gumes espada, no entanto. Em algumas formas críticas podem complicar a resolução de um incidente e, ao mesmo tempo, a sua manifestação é um elemento essencial para garantir a segurança na libertação de reféns.

A Síndrome de Estocolmo tem três componentes, alguns dos quais não estão sempre presentes. Primeiro, os reféns têm sentimentos positivos para com os seus captores. Em segundo lugar, os reféns têm sentimentos negativos em direção à polícia e outras autoridades. Em terceiro lugar, o tomador de refém tem sentimentos positivos para com os reféns.

Em análise, nenhum destes três fatores é surpreendente. Atitudes positivas em relação aos captores são simplesmente uma manifestação de dependência. Afinal, o refém está completamente dependente do tomador de refém de tudo, desde a alimentação e o desempenho das funções corporais à sua própria vida. Nesse caso, é natural que o refém busque formas de construir uma aliança com o captor e concentrar-se sobre o que fazer de positivo.

Esta relação é uma forma de vínculo semelhante à que existe entre uma criança e sua mãe. A completa dependência do refém promove gratidão (para não ser prejudicado) e com uma filiação positiva com o captor da mesma forma que a o período de amamentação promove o desenvolvimento de amor entre uma mãe e seu bebê. Porque o vínculo mãe-bebê representa a forma mais básica de segurança, bem como a de dependência, alguns especialistas têm sugerido que esta faceta da síndrome de Estocolmo constitui uma forma de regressão psicológica do refém.

O desenvolvimento de sentimentos negativos para com as autoridades por um refém é, em muitos aspectos, uma extensão lógica do primeiro componente da Síndrome de Estocolmo. Como a filiação positiva com o captor ocorre, o refém chega a culpar as autoridades para o seu dilema. Afinal, se a polícia deixasse o captor ir, se o governo teria apenas concordar com as exigências do captor, toda aquela gente podia ir para casa. Quando esta atitude é associada a uma realização por parte da polícia de uma entrada pela porta atirando, o refém chega a acreditar que o perigo real à sua vida é a ação das autoridades, em vez de qualquer ameaça externada a partir do captor no interior.

A última parte da Síndrome de Estocolmo, identificação positiva do tomador de reféns com o refém, também tem uma base facilmente compreensível. Quando começa um incidente, os reféns não tem personalidade para o tomador de reféns; reféns são meramente alavanca para ser usada contra as autoridades durante o processo de negociação. No entanto, com o desenrolar dos acontecimentos, a proximidade entre captor e refém e como eles compartilham a crise obriga-os a ver uns aos outros como seres humanos.

Em um cenário terrorista, isso muda o refém de um símbolo para uma vida pessoal, pessoa respirando. Metamorfose que o torna muito mais difícil para os terroristas (ou de qualquer outro tomador de refém) de prejudicar o refém.

O negociador de refém não tem qualquer controle sobre o desenvolvimento dos dois primeiros componentes da Síndrome de Estocolmo. No entanto, o negociador pode e deve fazer tudo o possível para incentivar o desenvolvimento do terceiro componente. De fato, um negociador qualificado pode ser capaz de alargar este terceiro fator em uma relação positiva entre ele ou ela e do tomador de reféns. O tempo é um fator muitas vezes neste processo, mas o negociador pode ajudar enfatizando a “qualidade humana” dos reféns, frequentemente inquirindo sobre o seu bem-estar, e criando tarefas que os tomadores de reféns e os reféns devam executar como um grupo.

Embora o desenvolvimento da Síndrome de Estocolmo é um sinal positivo em termos de resolução de um incidente, a estreita identificação entre reféns e seus captores devem ser mantidos em mente enquanto o incidente se desdobra. Esta relação coloca uma carga adicional sobre as autoridades durante um resgate ou rendição, como eles não podem ter a certeza qual na medida em que ele pode levar a cabo pelas ações inesperadas e perigosas feitas pelos reféns. Por exemplo, no incidente original de Estocolmo, os reféns formaram uma barreira entre seu captor e a polícia.

MAYER, Nudell. ANTOKOL, Norman. **The Stockholm Syndrome**. Trad. Onivan Elias de Oliveira.